

A photograph of a modern building with a stone wall and a bare tree in the foreground. The building is white with a dark window. The stone wall is made of rough, stacked stones. The tree is bare and has many thin branches. The sky is clear and blue. The text is overlaid in the center of the image.

ALCARIA DOS JAVAZES
NÚCLEO MUSEOLÓGICO

ALCARIA DOS JAVAZES
NÚCLEO MUSEOLÓGICO

FICHA TÉCNICA

CATÁLOGO

TÍTULO Alcária dos Javazes
TEXTOS Orlando José, Sandra Gonçalves e Santiago Macias
COORDENAÇÃO Santiago Macias
FOTOGRAFIA Jorge Branco e Orlando José
DESIGN TVM designers
IMPRESSÃO Textype
EDIÇÃO Câmara Municipal de Mértola, 2012
TIRAGEM 1000 exemplares
ISBN 978-989-95873-9-7
DEPÓSITO LEGAL 351 580/12

EXPOSIÇÃO

PROPRIEDADE Câmara Municipal de Mértola
COORDENAÇÃO GERAL Divisão de Cultura, Desporto
e Turismo
COORDENAÇÃO TÉCNICA Manuel Passinhas da Palma
e Santiago Macias
TEXTOS E SELEÇÃO DE MATERIAIS Santiago Macias
MUSEOGRAFIA Manuel Passinhas da Palma
ARQUITETURA Sílvia Alexandre
DESIGN DE EQUIPAMENTO Oficina de Museus
DESIGN GRÁFICO Jorge Branco
RESTAURO Orlando José
FOTOGRAFIA Jorge Branco e Orlando José
APOIO TÉCNICO Lígia Rafael
COLABORAÇÃO Museu de Mértola
SECRETARIADO Eugénia Monteiro



ALCARIA DOS JAVAZES
NÚCLEO MUSEOLÓGICO



O património e a cultura são marcas identificadoras e diferenciadoras de Mértola, relativamente a outros territórios.

Quer pela história e vestígios existentes de um passado, mais ou menos distante, quer pelo trabalho que a autarquia e um conjunto de outras entidades locais tem vindo a desenvolver desde há mais de trinta anos, o Museu de Mértola é um dos resultados mais visíveis de todo o trabalho e investimento realizado ao longo destes anos nas áreas da cultura e património. O que começou por ser um trabalho de investigação, centrado na vila de Mértola e nas escavações arqueológicas, foi crescendo, gradualmente e sustentadamente, para fora da sede de concelho e para além da arqueologia, numa lógica de descentralização territorial e de diversidade de temáticas estudadas.

O núcleo museológico de Alcaria dos Javazes é o mais recente exemplo prático da política cultural da autarquia: é o décimo segundo núcleo do Museu de Mértola, o terceiro que se localiza fora da sede de concelho e o primeiro que nasce de uma parceria com um membro da sociedade civil, Orlando José, que para além de ceder os objetos que ao longo da sua vida foi cuidadosamente recolhendo e recuperando, foi sempre um membro ativo no processo de constituição deste núcleo.

Este núcleo é simultaneamente uma homenagem a todos os que viveram, trabalharam e morreram, nas localidades rurais do concelho de Mértola, como Alcaria dos Javazes, e cuja vida foi preenchida de rotinas e objetos simples e elementares, mas com enorme significado, como os que podemos observar neste núcleo.

SANDRA GONÇALVES
Câmara Municipal de Mértola

Apenas algumas palavras

Um Museu não é um local onde se guardam coisas velhas.

Um Museu é um repositório de memórias, memórias de vida, das gentes que foram felizes com o muito pouco que possuíam. A sua riqueza estava no seu trabalho de autossustentação e na sua família. O resto do mundo ficava longe e não tinha poder de interferência nas suas vidas. É assim o Núcleo Museológico de Alcaria dos Javazes.

Este Museu é um local onde se guarda aquilo, a que alguns não deram valor, mas que valorizam o nosso imaginário de como terão sido e terão vivido os nossos ascendentes, em terras, casas e espaços ainda hoje por nós utilizados. Por tudo isto e pelo que a nossa memória ainda transporta e conserva, podemos transmitir aos nossos vindouros o que os nossos antepassados próximos nos legaram. Daí a existência deste Museu.

A ambição de colecionar nasce ainda na juventude. Enraíza-se com o correr dos anos e quando damos por isso, estamos perante uma realidade que ultrapassa aquilo com que alguma vez sonhamos. Começamos sempre por possuir uma peça pela qual nos apaixonamos. Ora pela forma, ora pela função, ora pela patine que o tempo tornou mais bela ou ainda pela lembrança da sua existência em casa de nossos pais e nossos avós, e à qual não demos demasiada importância enquanto os nossos interesses se direcionavam noutro sentido. Mas há sempre um dia em que reparamos e nos apaixonamos. É o começo. Daí em diante não cessa mais a procura e o interesse. E uma coleção não tem fim. Assim nasce um Museu.

Mas quem tem uma coleção e gosta do que tem, não descansa enquanto não encontra um local onde as peças possam ser expostas com a dignidade que merecem. Hoje a coleção está exposta, respeitando a memória de quem as utilizou e comove muitos dos que a veem, lembrando os tempos em que estes objetos passaram pelas suas mãos. A lembrança do que foi a sua vida, ficará aqui perpetuada. É por eles e para perpetuar a sua recordação e a memória deste local. É por isso que existe este Museu em Alcaria dos Javazes.

Inserido em estruturas muito antigas, foi erigido um edifício moderno que em contraponto de forma, dada a sua linearidade muito simples, se encaixa nas irregularidades das antigas pedras dos muros. É nesta simbiose de forma e cor, onde se diferem os líquenes laranja dos muros com o branco iluminado pelo Sol, que reflete os seus raios nos dias soalheiros. Assim se torna realidade um Museu.

Uma última palavra de agradecimento a todos os que ainda vivos e de homenagem a todos os já falecidos, pelo contributo que deram na constituição desta coleção, sem a qual o Núcleo Museológico de Alcaria dos Javazes não existiria. Que seja uma fonte de conhecimento e recordação e ao mesmo tempo um motivo de orgulho para todos nós.

ORLANDO JOSÉ

aldeia e território

O território de uma aldeia era o seu horizonte mais próximo. Nascia-se e vivia-se num raio de poucos quilómetros. Antes da abertura das estradas e da chegada dos veículos motorizados, os dias, as semanas, os meses e os anos passavam ao ritmo dos trabalhos no campo, ao som e ao passo dos rebanhos e à repetição das tarefas de sempre.

Alcaria dos Javazes está perto do Vascão, porque nestes territórios de aridez não há povoados que estejam longe dos cursos de água. Da paisagem de todos eles fazem parte algumas terras de cultivo, as oliveiras, as ovelhas. Em todas elas se vivia do que a terra e os rios davam.

A zona de Alcaria dos Javazes é referida, de forma breve, num texto do século XII. Ibn Qasi, um chefe militar dessa época, procurou apoio junto dos Banu Assuna, na sequência de uma escaramuça ocorrida nas imediações do castelo de Mértola. Ibn al-Hatib refere o sítio de *al-Jauza* como local de refúgio. Foi, há uns anos, sugerida a correspondência com a atual Alcaria dos Javazes, embora a localização deva antes coincidir com o povoado islâmico do Zambujal, a cerca de 1,5 km do nosso monte. Se excetuarmos este pequeno episódio, o sítio de Alcaria está ausente dos livros de História. A História dos grandes e dos poderosos passou, quase sempre, longe destas paragens.























casas da serra

Com terra, pedra e argamassas pobres se fazem as casas do extremo sul do Alentejo. Olhando em volta, em Alcaria dos Javazes, é esse o panorama das casas mais antigas.

Em muitas centenas de anos, quase nada mudou. Nem a forma de levantar os muros, nem o modo de bater a taípa, nem a maneira de construir os telhados. A cal marca presença constante nestas casas. Era uma forma de garantir durabilidade às taipas e de assegurar a frescura do interior das habitações.

As plantas das casas não tinham esquemas rígidos, nem definitivos, moldando-se ao ritmo de crescimento das famílias. As palavras que designam os espaços das casas não sofrem grandes variações: casa de fora, quarto, ramada. Muitas das casas tinham uma pilheira, noutras marcava presença um pequeno forno. Em muitos sítios, este era pertença de todos, tal como o poço. A ausência do pátio interior, como era prática nas casas urbanas anteriores ao século XIII, era aqui compensada pelo espaço exterior em frente à habitação.











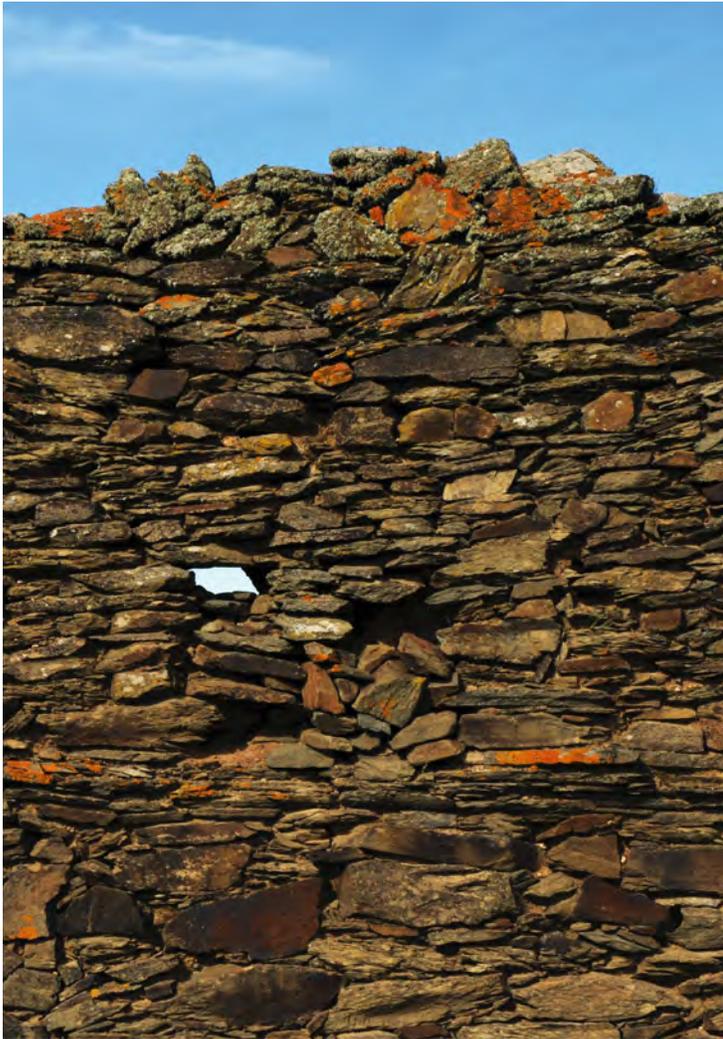
um museu em alcaria dos javazes

Os antigos acreditavam que tudo o que existia se construía a partir de quatro elementos: a água, o fogo, o ar e a terra. Olhando em volta da aldeia e para dentro desta área de exposição, temos esses elementos bem presentes. O ar que nos rodeia, a terra de que se fizeram as casas, a água e o fogo que nos alimentam. Foi, pois, a partir de quatro elementos que se concebeu este ambiente. Foi, também, a partir deles que se começou a dar forma ao museu.

O museu da Alcaria dos Javazes é uma coleção de pequenas histórias, é uma soma de objetos que fizeram o quotidiano de muitas pessoas. Numa casa da aldeia, onde dantes morou gente, há agora peças, de diversas proveniências e que são fragmentos de vidas que desconhecemos. São memórias de tempos idos, marcados pela simplicidade e construídas num tempo em que as horas não eram tão contadas como hoje.

À habitação antiga junta-se um novo espaço de exposição. Do xisto ao betão, das formas da arquitetura vernacular às linhas modernas há um percurso de séculos. A pequena casa, com pátio, poço e forno, ganha agora uma outra existência.











iluminar

Era às mulheres que cabia iluminar e aquecer as casas. As mulheres eram as guardiãs do lar, aquelas a quem estavam confiadas as tarefas de manter a luz, o calor e de garantir a alimentação. É uma tradição antiga em todo o Mediterrâneo e que se manteve até aos nossos dias. E que ganha mais sentido em sítios como Alcaria dos Javazes, onde a energia elétrica só fez a sua aparição há poucas décadas.

Os combustíveis foram mudando ao longo dos tempos. Dos candis de azeite, onde um pavio ardia lentamente, passou-se, em tempos mais próximos, para lanternas, para as candeias e para os candeeiros a petróleo. As casas passaram da semi-obscuridade para uma luz interior cada vez mais intensa. As peças expostas testemunham essas modificações e vão buscar ao passado islâmico o contraponto com hábitos mais recentes. As formas evoluíram ao longo dos tempos e de balde tentaremos identificar nos objetos em uso até há 40 ou 50 anos memórias dos artefactos de iluminação de outrora.



Candil do período islâmico
MM N.º INV. CR/CF/0055



Candeia
COJ N.º INV. 216



Candeeiro
COJ N.º INV. 208



Lantern
COJ N.º INV. 199

cozinhar

A cozinha camponesa das regiões serranas que separam o Alentejo do Algarve é um milagre, feito de escassez e de criatividade. O pão e o azeite, consumidos outrora com mais modéstia, eram elementos essenciais numa cozinha que recorria, com frequência, à natureza à volta das aldeias. O aviso «proibido colher frutos silvestres», que hoje se banalizou, não fazia sentido para os habitantes deste território. Beldroegas e poejos, cogumelos e túberas, a hortelã da ribeira, os oregãos, os coentros, os peixes do rio são parte integrante de uma cozinha que usa a imaginação como um dos primeiros ingredientes.

O ato de cozinhar era feito com a maior economia possível, cuidando de não desperdiçar o que mais tarde poderia fazer falta e tratando de conservar os utensílios até a sua renovação ser inadiável.

A tradição culinária feita de cozinhados preparados com tempo e lentamente apurados ao lume reflete-se na semelhança entre os objetos antigos e os mais recentes. Por isso as caçoilas e as panelas atuais têm um ar antigo e as antigas parecem ser de hoje.





Panela
COJ N.º INV. 310



Caçoila com tampa
COJ N.º INV. 311



Caçola
COJ N.º INV. 409



Panela
COJ N.º INV. 408

comer

As refeições são hoje uma complexidade de hábitos e de objetos que pouco têm a ver com tradições mais antigas, ainda em uso noutras regiões do Mediterrâneo, mas esquecidas entre nós.

A mesa, enquanto móvel de uso corrente, é relativamente recente, e as pessoas sentavam-se em volta de esteiras colocadas no chão. Os grandes pratos de uso comum, à volta dos quais toda a família se dispunha, deram lugar a utensílios individuais. Não se trata, contudo, apenas de uma questão de organização em torno da refeição. O modo como esta se organizava também mudou. Por exemplo, nas casas mais abastadas as iguarias eram disponibilizadas em simultâneo e não de forma sucessiva. Esta prática, que se começou a tornar corrente a partir do século XIX, popularizou-se e faz hoje parte dos nossos hábitos.

O uso generalizado de utensílios como o garfo mas, sobretudo, a crescente individualização dos hábitos à mesa (pratos, copos e talheres para cada conviva) marcam a diferença entre épocas mais recuadas e a atualidade. É também essa realidade que o Museu de Alcaria dos Javazes reflete.



Caçoila do período islâmico
MM N.º INV. CR/PT/0006



Prato
COJ N.° INV. 130



Prato
COJ N.° INV. 131



Copo
COJ N.º INV. 36

Garrafa
COJ N.º INV. 38



MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL

